



## Ensaio de cosmopolítica no catolicismo brasileiro atual: articulações entre interpretação e crítica

### *Essay on cosmopolitics in current Brazilian Catholicism: articulations between interpretation and criticism*

Marcelo Ayres Camurça\*

**Resumo:** Este artigo parte da constatação de que o tratamento acadêmico dispensado pelas ciências sociais da religião ao catolicismo e à igreja católica no Brasil nos últimos 40 anos variou de uma abordagem que privilegiava a política para, em seguida, dar destaque à cosmologia e, recentemente, retornar ao enfoque da política. Aqui, procuro relacionar e interpretar as razões desta sequência epistemológica ao longo do tempo, assim como da insuficiência de cada uma destas abordagens separadas. O texto também considera a dinâmica que marca o ethos da igreja católica, como uma unidade que incorpora diversidades com suas divergências, disputas e consensos. Por fim, ele conflui para a busca de uma alternativa a essa dicotomia entre política e cosmologia numa formulação que tenta articulá-las no que nomeio de cosmopolítica. Após um pequeno exercício de reconhecimento das possibilidades heurísticas desta minha proposição, concluo sugerindo que é a noção de caridade aquela que, no catolicismo brasileiro, expressa de forma mais completa a ideia de cosmopolítica.

**Palavras-chave:** Catolicismo. Política. Cosmologia. Análise crítica. Hermenêutica.

**Abstract:** This article starts from the observation that the academic treatment given by the Social Sciences of Religion to Catholicism and the Catholic Church in Brazil in the last 40 years varied from an approach that privileged politics to then highlighting cosmology and recently returning to the focus on politics. Here I seek to relate and interpret the reasons for this epistemological sequence over time, as well as the insufficiency of each of these separate approaches. The text also considers the dynamics that mark the ethos of the Catholic Church, as a unity that incorporates diversities with their divergences, disputes and consensus. Finally, it converges on the search for an alternative to this dichotomy between politics and cosmology in a formulation that tries to articulate them in what I call cosmopolitics. After a small exercise in recognizing the heuristic possibilities of my proposition, I conclude by suggesting that it is the notion of Charity that, in Brazilian Catholicism, most completely expresses the idea of cosmopolitics.

**Palavras-chave:** Catholicism. Politics. Cosmology. Critical analysis. Hermeneutics.

## Introdução

Minha proposição para uma abordagem sociológica e antropológica do catolicismo no Brasil atual busca tratá-lo como acúmulo e resultado de enfoques anteriores. E a perspectiva que quero explicitar nesta apreciação da igreja católica pretende ser uma

---

\* Doutor em Antropologia Social (UFRJ). Professor aposentado do PPG em Ciência da Religião da UFJF (Juiz de Fora-MG). ORCID: 0000-0003-3399-8527 – contato: [mcamurca@terra.com.br](mailto:mcamurca@terra.com.br)

síntese (ainda que contendo polarização e tensão) de duas tendências pelas quais o catolicismo no Brasil foi contemplado nos últimos tempos: política e cosmologia.

Nos anos 1970-1980, a igreja católica foi estudada privilegiadamente como uma instituição da sociedade civil que atuava de forma política e social na oposição à ditadura civil-militar e na recomposição da democracia no país (Montero, 1999).

Nos anos 1990-2000, temas como a espiritualidade carismática (Steil, 1999) e a mística ecológica (Camurça, 1998) se multiplicaram por meio de um deslocamento de olhar que pluralizou as abordagens do catolicismo brasileiro, com estudos sobre: imaginários e práticas carismáticas (Oro, 1996; Prandi, 1997; Carranza, 2000; Maués, 2000, Steil, 2004 ; Silveira, 2000, 2008a); estratégias midiáticas da igreja católica (Carranza, 2005; Souza, 2005, Oliveira, 2008); e a imbricação da espiritualidade/mística com esferas da vida profana, como o turismo, consumo, gênero, juventude, ecologia (Steil, 1999, 2003; Silveira, 2011; Machado, Mariz, 1994; Camurça, 1998; Mariz, 2005).

Contudo, em meados dos anos 2010, chegando aos 2020, fruto da intensa polarização político-ideológica que viveu e vive a sociedade brasileira com a irrupção de uma mobilização de tipo conservador (Mannheim, 1982, p. 107-136) religioso em espaços da política e do poder, o tema da política no meio religioso retorna com pujança. Ele se alicerça numa dimensão moral e de valores reacionários (Teitelbaum, 2020), travando embates com forças da laicidade e dos movimentos da sociedade civil tais como feministas, LGBTQIA+, ecologistas, negros e dos povos originários, numa disputa política de valores – a já chamada “pauta de costumes”.

E, se levarmos em conta a estrutura da igreja católica, esta termina por absorver no seu seio toda a pluralidade existente na sociedade, com suas controvérsias e antagonismos. Isso é possível devido ao seu caráter universal – segundo a própria etimologia do termo católico: “kata” (junto) e “holos” (todo), que a leva à dinâmica da *Circumdanda Varietate*, no sentido de englobar toda variedade social/cultural da sociedade no seu interior (De Lubac, 1983). Napolitano, Norget e Mayblin também tiveram essa compreensão da inclusividade estrutural do catolicismo quando afirmam que este é espacialmente e organizacionalmente “elástico” na medida em que pode contar uma “variedade desconcertante” de “estruturas devocionais e posições teológicas, sem se fragmentar” (Napolitano, Norget, Mayblin, 2017, p. 07).

Por isso, é sempre prudente tratar o catolicismo no plural, pois, como disse Pierre Sanchis, “há religiões demais nessa religião” (1992: 33). Pluralidade essa expressa em distintas configurações com as quais ele foi tipificado ao longo da história e da sociedade brasileira: “catolicismo popular”, “catolicismo romanizado”, “teologia da libertação” e “catolicismo carismático”, dentre outras. Porém, todas convivendo dentro da igreja católica em tensão e em acomodação.

Dessa maneira, um enfoque que conjugue análise política e hermenêutica simbólica da igreja católica pode ajudar a compreender a complexidade de crenças e práticas que irrompem do seu seio. Aquelas intencionais e conscientes movidas por uma razão e ética dos meios e dos fins e aquelas outras que irrompem do sagrado e do místico em hierofanias, produzindo um significado que preenche e conforta. E ambas se projetam e são apropriadas pelas diferentes formas de ser católico e pertencer à igreja.

Por isso, defendo que o maior desafio para uma socioantropologia do catolicismo contemporâneo seria o de conjugar o enfoque hermenêutico de compreensão dos símbolos, imaginários e cosmologias religiosas e seus efeitos com o enfoque crítico de análise das estratégias da política eclesial e social como ocupação de espaços de poder. E isso significa combinar uma interpretação da cosmologia da igreja e seu patrimônio simbólico milenar com uma análise de suas ações políticas e sociais, numa espécie de cosmopolítica, não no sentido que lhe apôs Isabelle Stengers (2018), mas nas implicações mútuas que estas duas dimensões da vida social/simbólica colocam para um entendimento mais sutil e profundo das dinâmicas da igreja e do catolicismo.

E é isso que busco desenvolver ao longo deste texto, experimentando alguns exemplos e sugerindo algumas hipóteses.

### **Análises a partir da política ou da cosmologia como abordagens distintas para a compreensão do catolicismo no Brasil**

#### *Análise Política*

Este enfoque privilegiava como eixo principal de análise, as formulações e ações surgidas na igreja católica, nas suas instâncias hierárquicas oficiais e entre suas correntes no que diz respeito aos seus projetos políticos para a sociedade, o espaço público e o Estado. Ele buscava abordar a atuação pública da igreja católica tomada como intenção consciente de intervenção em relação ao panorama político exterior, dentro de uma ação que leva em conta os fins a partir de um cálculo político.

Nas intervenções *ad extra*, a igreja era tomada como uma grande instituição político-ideológica com representatividade consolidada na nação, influenciando politicamente a sociedade na produção ideológica de valores que legitimam as posições sociais. Numa perspectiva *ad intra*, o que era investigado eram as relações de poder entre as instâncias da igreja, da hierarquia, do clero e do laicato, dentro de uma determinada correlação de forças.

A partir de meados dos anos 2000, intensificando-se nos 2010, quando a conjuntura política se tornou extremamente polarizada, os estudos sobre catolicismo retomaram essa abordagem da realidade, sobressaindo-se o enfoque político nos seus conteúdos (Caldeira e Silveira, 2021, Silveira, 2018, 2019; Py, 2021a, Procópio, 2014). Tratou-se aqui de investigar o *modus operandi* pelo qual organismos – como CNBB, as Pastorais, as CEBs de um lado, e de outro, a Renovação Carismática, Opus Dei, Canção Nova, Arautos do Evangelho – empreendiam sua intervenção pública, social ou política.

Para tal, precisou-se mapear um conjunto de forças representativas e atuantes nos canais institucionais da igreja, tais como: do lado conservador, a RCC (Miranda, 1999, Reis, Manduca, Silveira, 2019) e a constelação carismática da Comunidades de Vida e Aliança (Mariz, 2005; Carranza, Camurça e Mariz, 2009), os complexos midiáticos (Carranza, 2005, 2011), o Opus Dei (Brum, 2015, 2016, 2017), a Canção Nova (Oliveira, 2008) e a TFP (Zanotto, 2012). Do lado progressista, além da CNBB, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) (Lesbaupin, 2009) a Teologia da Libertação (Amaral, 2010),

as pastorais populares, o CIMI (Rufino, 2006), a CPT (Ferreira, 2004), para expressar as polaridades presentes nesta conjuntura sócio-política-religiosa católica.

Também se passou a privilegiar um enfoque sobre as candidaturas católicas ao Congresso Nacional: quantos e quais foram os deputados eleitos? Que blocos parlamentares articularam (como exemplo, a Frente Parlamentar Católica Apostólica Romana)?; em quais comissões parlamentares atuaram (como exemplo a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania [CCJC] seguida pelas comissões de Seguridade Social e Família [CSSF])? Quais projetos defenderam e aprovaram? (Procópio, 2014, 2018, Camurça, Procópio, Gerardi, 2022).

### *Enfoques de política progressista e conservadora*

A política (re)adquiriu centralidade nas abordagens da igreja católica durante os anos 2010 com a eleição do papa Francisco, em 2013. E, aqui, tratava-se também de política eclesial interna à igreja num realinhamento de correlação de forças entre conservadores e progressistas (Mainwaring, 2004). Mas tratava-se sobretudo de uma inflexão para a sociedade, retomando a posição da “opção pelos pobres” dos anos 1970/1980, agora alargada como opção pelas periferias, pelos migrantes, mas também pelas maiorias minorizadas, como as mulheres. Logo de sua eleição, surgiu uma publicação reunindo os principais teólogos católicos e “vaticanólogos” brasileiros que analisava este fato inédito de um papa vindo da periferia do globo, de um continente latino-americano que clamava para as urgências político-sociais (Passos e Soares, 2013). Da mesma forma, a revista “Estudos de Religião”, do PPG em ciência da religião da UMESP, dedicou um dossiê intitulado “Igreja Católica e modernidade contemporânea” com artigos de especialistas em sociologia do catolicismo no Brasil, na Itália e na Argentina, refletindo assim estas três dimensões do catolicismo: o Brasil como o país mais populosamente católico, a Itália como sede do Vaticano e a Argentina como terra natal de Francisco (Dossiê, 2013). Também na continuidade do exame da igreja católica pós-Francisco, situando-a na ordem política e do Estado no Brasil e na Argentina, surgiram obras como as de Esquivel (2013).

Esses trabalhos, de uma forma geral, mediam a conjuntura que propiciou a eleição do papa Francisco num sentido de renovação, quando a igreja católica nos últimos anos vinha sendo abalada por uma crise de caráter institucional e moral – escândalos de pedofilia, escândalos financeiros – que levaram à inédita renúncia dentro do período moderno do papa anterior. Diante dessa crise, as análises apontavam para alguns desafios a serem enfrentados pelo novo papa. Externamente, a questão da justiça social e a questão da bioética; e, internamente: a questão da hierarquia de poder na igreja na relação desigual: clero-leigos e a questão de gênero, com os temas do celibato dos padres e do ingresso das mulheres no sacerdócio. Segundo esses dossiês, o acompanhamento desse conjunto de questões apontaria para um programa de pesquisas nos anos vindouros deste pontificado.

Entretanto, a produção centrada no tema da política no catolicismo dos anos 2010 não apenas contemplou a retomada de uma atualização sob Francisco, diante

da defasagem que a igreja vivia em temas candentes da modernidade ocidental (como inicialmente previam as primeiras análises citadas acima). Teve que também dar conta da crescente reação ultraconservadora surgida dentro do catolicismo (acompanhando a mesma tendência entre evangélicos-pentecostais) às políticas liberalizantes propostas no pontificado de Francisco. E essa tensão entre projetos antagônicos de setores progressistas e conservadores dentro da igreja católica nos anos 2020 não escapou ao olhar de um pesquisador atento como Sofiati, que, em 2011, publica um livro sobre a juventude carismática e, em 2012, outro, sobre a juventude da teologia da libertação (Sofiati, 2011, 2012). De igual modo, Cabral e Caldeira, numa remissão historiográfica, examinaram o Concílio Vaticano II dentro de uma perspectiva comparatista entre as figuras de Dom Geraldo Sigaud, ultraconservador, e Dom Helder Câmara, progressista (2020).

No que se refere a uma produção sobre os movimentos e grupos à esquerda na igreja católica surgidos na esteira da gestão do papa Francisco, estes tiveram também um caráter historiográfico de revisitação à gênese da teologia da libertação, das pastorais populares e juventudes; assim como de suas transformações (Amaral, 2010; Paganelli, 2015; Lira, 2019).

E, no que diz respeito à produção sobre a direita católica, pesquisas dos anos 2010 passaram a analisar as formulações destes setores ultraconservadores que recrudesceram neste período na igreja católica. Esses estudos centravam-se nas políticas de ordem moral e da cultura advindas de tais segmentos, também conhecidas como “pauta de costumes” e no recurso que estas faziam à tradição milenar católica (Zanotto e Caldeira, 2013). Foram examinados grupos como a RCC, (Reis, Manduca, Silveira, 2019) o Opus Dei (Brum, 2016, 2017). Da mesma forma, figuras de destaque, como a do padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior foram estudadas no seu discurso contra o que ele chama de “marxismo cultural” e de sua campanha contra um pretenso projeto de dominação do “comunismo marxista” a partir de organismos globais como a ONU, a OMS, a FAU, a UNESCO ou as ONGs de apoio a direitos humanos de minorias trans e LGBTQIA+. Essas análises apontavam que, no entender do padre Paulo Ricardo, uma liberdade sexual absoluta levaria à aniquilação da família tradicional e dos papéis tradicionais de educação e moral familiar (Silveira, 2018, Py, 2021a, 2021b). Também outros estudos elencaram a participação de parlamentares carismáticos no Congresso Nacional, seus projetos de lei, as comissões legislativas em que participaram, como o da “Escola sem Partido” (PL 7180/2014 e apensados), do Estatuto do Nascituro (PL 478/2007 e apensados) e o do Estatuto da Família (PL 6583/2013) (Procópio, 2024; Camurça, Procópio, Gerardi, 2022). Esses estudos interpretavam os valores morais conservadores agenciados por esses parlamentares que incidiam em lugares sociais como a família e criança.

### *Interpretação da cosmologia*

Nesse campo de estudos, tratou-se de compreender o papel da igreja católica e sua presença no espaço público da nação, do Estado e na sociedade civil brasileira, principalmente por meio de uma interpretação de sua cosmologia milenar e da compreensão

da transcendência e da mística, estas aplicadas ao solo profano da história e da dimensão institucional.

Segundo Ribeiro de Oliveira (1992, p. 42), a igreja católica sempre desempenhou no Brasil uma função simbólica no espaço público, “oferecendo ao conjunto da população brasileira os ‘ritos de passagem’ (batismo, comunhão, casamento e funerais), além de conferir solenidade aos eventos sociais e familiares”. E, para Paula Montero, no período da luta contra a ditadura e na redemocratização do país, nos anos 1980, a igreja contribui com um léxico religioso para conceitos norteadores do ativismo social, como “‘pobre’, ‘comunidade’, ‘caminhada’, ‘libertação’, ‘fraternidade’ etc.” (Montero, 2012, p. 171).

### *Interpretação da simbologia progressista e da simbologia conservadora*

Perspectivas que realçaram a força do simbólico na atuação da igreja católica na contemporaneidade remontam a pesquisas que contemplam seus posicionamentos durante a ditadura civil-militar de 1964-1985. Estas destacaram todo um acionamento de uma gama de imagens e símbolos do patrimônio milenar do catolicismo canalizados para uma luta por justiça social enquanto expressão de “um modo novo de ser igreja”. Esse imaginário, expresso na forma da “chegada do Reino”, da “caminhada”, dos mártires, emula e mobiliza agentes pastorais, padres e freiras ligados a CPT, ao CIMI, as Comissões de Justiça e Paz, enfim ao chamado “povo de Deus” de uma “igreja militante” na sua “opção preferencial pelos pobres” (Novaes, 1997, Silva, 2013).

Mais adiante cronologicamente, a mística e o recurso a um imaginário de abundância de símbolos “se torna a forma mais plausível para a expressão da religiosidade nos anos 90” (Steil, 1999, p. 68). Pesquisas como a de Steil detectaram essa tendência da época que irrompeu e proliferou fora do campo das religiões institucionalizadas, mas contaminou-as, como no caso carismático da igreja católica com sua postura de “acesso direto ao sagrado” (1999: 68). No caso da igreja católica, Steil observa que a mística e a cosmologia foram adotadas tanto por setores politicamente ativos quanto por aqueles ditos “apolíticos” e “tradicionais”. Com relação aos primeiros, uma “mística dos olhos abertos e das mãos operosas” (Boff e Betto 1996, p. 52) foi incorporada por dois dos maiores expoentes da teologia da libertação, Leonardo Boff e Frei Betto (Camurça, 1998). Em relação aos segundos, ela foi a “pedra de toque” de movimentos como a Renovação Carismática e de movimentos tradicionais calcados nas aparições de Nossa Senhora (Steil, 1999; Steil, Mariz e Reesink, 2003).

Para os anos 2000-2010, como postura reativa aos avanços da diversidade cultural e de gênero na nossa sociedade, irrompem e/ou se reposicionam grupos ultraconservadores como os Arautos do Evangelho, a TFP, o Instituto Dom Bosco. E, aqui, esses grupos são pesquisados dando-se destaque à sua cosmologia tradicionalista: escatologia e milenarismo e à sua simbologia expressa em rituais, vestimentas, iconografia e heráldica (Zanotto, 2012). Ainda na abordagem da simbologia tradicionalista de direita católica, reaparece a figura do padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, neste caso apreciada realçando na sua mensagem temas da cosmologia católica tradicional como: inquisição, cavaleiros templários, demonologia e apocalipse (Barros, 2016).

## Por uma articulação de política e cosmologia para os estudos do catolicismo

Um olhar mais aguçado como o de Paula Montero já percebia, no final dos anos 1990, a insuficiência dessas abordagens quando enfocavam apenas uma dimensão, política ou simbólica, das religiões no Brasil e do catolicismo, em particular, como a mais representativa destas.

Para ela, uma sociologia voltada para as questões do poder privilegiava somente esses aspectos nas relações sócio-políticas da igreja católica com o Estado brasileiro e com os movimentos sociais, partidos e sindicatos (Montero, 1999, p. 330-32), centrando-se no papel político-ideológico da igreja em relação às disputas de classe e ao poder (1999, p. 332). Perspectiva que derivou numa visão reducionista da questão, que visava delimitar a instituição católica a um regime secular movido pela lógica racional da política, o que terminou por negligenciar as motivações simbólicas e a cosmologia como um dos móveis da ação e reprodução do catolicismo no Brasil.

Por outro lado, ela também apontava a insuficiência de abordagens sobre o catolicismo popular centradas somente numa interpretação dos seus mitos e rituais. Abordagem esta focada apenas no sistema simbólico de crenças e práticas, e sua significação para uma comunidade particular no seu cotidiano, visando a integração deste referido grupo, vizinhança ou comunidade (1999, p. 361). Essa perspectiva levava ao descolamento das implicações político-sociais que cercam as periferias onde viviam essas comunidades do catolicismo popular, como as desigualdades sociais, a violência urbana, a ação dos grupos políticos e sua política de clientelismo.

O risco que ela apontou nessa compartimentação de enfoques – o da sociologia política e o da antropologia simbólica – foi o de sedimentar essas divisões epistemológicas como se uma abordagem do institucional e das organizações estivesse destinada a lidar com os tipos de autoridade em jogo, democráticos ou ditatoriais e outra da cultura e dos símbolos se detivesse na compreensão dos sentidos percebidos pelos crentes no seu cotidiano. Por isso, ela constatou “esse vazio que separa uma antropologia das microrrelações e uma sociologia dos atores políticos” (1999, p. 338), com “poucas zonas de interconexão e diálogo” (1999: 331), e pugnou por uma reflexão que pudesse “fazer confluir a análise [simbólica] da cultura para o estudo da materialidade sociológica” (1999, p. 350).

Apesar do alerta lançado por Montero no final dos anos 1990, acho que as ciências sociais dedicadas ao fenômeno religioso no Brasil persistiram na alternância de abordagens: ora da política, ora do simbólico, carentes de um diálogo. Atribuo essa variação na escolha das abordagens a uma tentativa de responder ao que acontecia na realidade social política relacionada ao religioso no país.

Dos anos 1990 até a metade dos 2010 o país viveu um ciclo virtuoso de transformações no que tange à diversidade e pluralismo de gênero, de etnias, de religiosidades, de concepções ambientalistas. E as ciências sociais (da religião) se concentraram em interpretar todo o significado dessas representações e imaginários de criatividade que irrompia. A pesquisas produzidas nesse período – como indiquei na introdução deste texto – buscavam relacionar a religião com outras dimensões, na produção de

cruzamentos e híbridos: religião e meio ambiente; religião e gênero; religião e negritude etc. E, se havia uma preocupação de análise política, esta centrava-se na compreensão da “política das identidades”.

Porém, a partir da segunda metade dos anos 2010 até a presente data, cristalizando-se no período de 2018-2022, uma onda reativa, conservadora, com um viés de extrema direita, irrompeu no país, chegando à tomada de espaços de poder e até do poder central. Então, para responder reflexivamente a esse movimento histórico-social-cultural, a produção acadêmica das ciências sociais (e históricas) da religião se voltou para a avaliação político-ideológica dessas formas de pensamento e ação que tinham como canal, no caso do catolicismo, grupos tradicionalistas e ultraconservadores.

Essa alternância de enfoques, segundo esta minha hipótese, muitas vezes recobriu os mesmos autores, que refletiram e produziram sobre períodos e conjunturas diferentes emprestando-lhes, conseqüentemente, ênfases distintas, ora privilegiando o enfoque simbólico, ora o político (Silveira, 2000, 2008a, 2011, 2018, 2019; Zanotto, 2012, 2020, Caldeira, 2011, 2023, Camurça, 1998, 2022). Isso não deve ser considerado como falta, lacuna, mas como tendências dos estudos da religião que buscavam localizar em cada fase histórica seus problemas e questões.

Ainda naquele texto do fim dos anos 1990, Montero argumentava, talvez de forma muito exigente, que os avanços do campo de estudos socioantropológicos da religião no Brasil “não se realizam por uma acumulação interna de reflexão teórica, mas se fazem a reboque dos acontecimentos: o crescimento repentino de uma religião ou a emergência de novos cultos [...] que obriga a um rearranjo [...] das ferramentas teórico-metodológicas” (1999, p. 329). Meu argumento, aqui, vai numa direção mais positiva – ele defende que, devido à paulatina concentração de conhecimento na produção historiográfica, sociológica e antropológica sobre o catolicismo nestes últimos anos, ainda que dividida entre opções pelo enfoque da política ou da cosmologia, hoje é possível conjugá-las na direção do que Montero chamou de uma “imaginação teórica renovada” (1999, p. 338).

E se, de um lado, apresentei a produção sobre o catolicismo contemporâneo no Brasil repartida entre enfoques da política e do cosmológico, é fato também que em várias oportunidades aconteceram oportunidades de imbricação das duas abordagens. Nelas já se pode observar uma produção de transição em direção ao que venho propondo do enfoque de cosmopolítica no catolicismo. Silveira apresenta no seu artigo sobre os carismáticos (2008b) já uma confluência entre rituais dos “santinhos”, terços, versículos e a prática da política. Zanotto, que na sua obra “carro-chefe” explorou fundamentalmente a escatologia e o milenarismo na TFP (2012), em outro texto combina o tema da política com o da teologia (2013).

### **Detectando algumas imbricações entre abordagens do político e do cosmológico na produção sobre o catolicismo brasileiro**

Para Silveira, especialista em estudos socioantropológicos da renovação carismática católica, qualquer intervenção na sociedade realizada por este grupo vem credenciada

por um timbre místico-cosmológico. Não há espaço, no que diz respeito aos carismáticos, para atuações públicas sem o uso de categorias “nativas” próprias como “missão”, “vocação” e “dons” (2008b, p.68). Suas aparições públicas e políticas vêm lastreadas por expressões como “sal da terra e luz do mundo”, extraídas de versículos bíblicos do evangelho de Mateus, capítulo sete (2008b, p.68). Segundo Silveira, é no mesmo movimento que “dogmas e os mitos cristãos deixam o etéreo espaço das bíblias e da imaginação religiosa, para tornarem-se palpáveis, ao alcance das mãos, encarnados em discursos políticos” (2008b, p. 72-73). Percebo também nas suas pesquisas que os códigos religiosos utilizados pelos carismáticos se revertem em uma linguagem palatável pelas sensibilidades modernas do psicológico, do *self* individual, o que o autor explicita como “uma transição constante da ontologia/mitologia ao metafórico/psicológico” (2008b, p. 73).

Por sua vez, Camurça e Zaquieu-Higino (2021, p. 213-215), ao discutirem a relação política do governo Bolsonaro com uma direita cristã, terminam por destacar um episódio em que se pode observar nitidamente a convergência dos enfoques da política e do simbólico. Nesse evento, organizado pela direita católica no período da presidência de Bolsonaro, foi utilizado um ícone da cosmologia católica – a Virgem Maria – para legitimar uma posição político-ideológica. No caso, uma cerimônia nomeada de “Consagração do Brasil à Nossa Senhora”.

Convocada para o palácio presidencial do Alvorada, a celebração em torno da imagem de Nossa Senhora de Fátima teve como protagonistas do ato os parlamentares católicos carismáticos Eros Biondini (PSL-MG) e Christine Tonietto (PSL-RJ) e dois bispos apenas – o que demonstrava a fraca adesão ao ato da CNBB –, Dom João Terra, o bispo emérito de Brasília, e Dom Fernando Rifan, um bispo neotradicionalista da Administração Apostólica São João Maria Vianney de Campos/RJ. Além deles, sacerdotes, religiosas e membros de grupos conservadores católicos. Interessante notar que a imagem de Nossa Senhora de Fátima escolhida para esse evento evoca uma tentativa de revivescência de utilização de sua aparição em Portugal em 13 de maio de 1917 como um sinal divino contra a revolução bolchevique. Não foi coincidência que o padre Oscar Peroni, um dos oradores do ato, na sua peroração, ressaltou os benefícios da consagração de um país à Virgem Maria, pois esta teria livrado muitas nações do “comunismo”. Como convidados ilustres, o presidente Jair Bolsonaro e seu secretário-geral Floriano Peixoto, autointitulado “católico fervoroso”. No entanto, Bolsonaro manteve uma atitude discreta e sequer chancelou a “consagração” com sua assinatura no documento, deixando que seu assessor o fizesse (Camurça, Zaquieu-Higino, 2021, p. 213-215).

Talvez exista uma explicação para a pouca repercussão dessa tentativa de legitimação simbólica do catolicismo ultraconservador perante o poder político, mesmo em tempos em que a extrema direita católica carismática encontrou espaço no governo Bolsonaro para suas pautas morais conservadoras. Recorrendo a Rubem Cesar Fernandes em estudo da década de 1980, a explicação pode vir do fato, de que, no Brasil, Nossa Senhora não é tão “política” (1988, p. 95), mas, sim, “padroeira” (1988, p. 97), exercendo sua proteção de madrinha mais no espaço da vida cotidiana do que na esfera pública.

Também a aliança privilegiada de Bolsonaro com os evangélicos ajuda a entender esse seu retraimento em relação a um endosso da cerimônia que associava o poder

republicano ao imaginário católico. Convém lembrar que um dos sinais diacríticos entre evangélicos e católicos é a “devoção à Virgem Maria”, além da “obediência ao Papa” (Machado, Mariz, 1994: 30). Portanto, segundo os autores, uma opção de Bolsonaro por uma associação tão forte com o símbolo católico ponto de divergência com seus aliados evangélicos tão fiéis acarretaria, para ele, um enorme risco político (Camurça, Zaquieu-Higino, 2021, p. 216-217).

Encontro outros exemplos, agora dentro do setor progressista da igreja católica, num artigo de Camurça (2022) consagrado ao tema da política no catolicismo atual, mas que apresenta vislumbres da convergência entre uma abordagem da política e da cosmologia. Na conclusão do texto, o autor apresenta alguns eventos que apontam para o fenômeno.

Dentre eles, menciona a ação da CNBB, particularmente da Comissão Episcopal Pastoral Ação Missionária do Regional Leste II, presidida por Dom Vicente Ferreira, em resposta à grande crise ambiental vivida no Brasil, produto da exploração desenfreada pelas mineradoras do leito dos rios. Aqui fica destacada a atuação das pastorais populares da igreja católica com respaldo da CNBB e de seus organismos de assessoria na defesa das populações nativas, indígenas e ribeirinhas vítimas dos garimpos, empresas construtoras de barragens e de mineração (2022, p. 229-230). É acrescento que a motivação para tal atuação política vem respaldada pela cosmologia, em torno de uma “teologia da criação”, enquanto benção original à natureza e ao cosmo a serem protegidos e fruídos, em oposição às noções antropocêntricas e ao corolário que delas advém (Bergeron; Bouchard; Pelletier, 1994: 89). Atinente a essa perspectiva, todos os cristãos são convocados a se envolver no “cuidado de humanos e não humanos” numa “teia de colaboração permanente”, buscando a preservação da criação (Teixeira, 2023).

Além disso, Camurça menciona também, no mesmo artigo, outra cerimônia de igual teor simbólico (ecumênico e cosmo-ecológico) que foi promovida através do protagonismo da Arquidiocese de São Paulo, como reação ao covarde assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Philips por contrabandistas no Vale do Javari, na Amazônia. Em ato realizado na catedral da Sé, tendo como anfitrião o bispo Dom Pedro Luiz Stringhini, o majestoso templo católico da principal metrópole do país se converteu em lugar de acolhimento às espiritualidades indígenas, religiões afro-brasileiras e aos ecologistas “para homenagear os novos mártires da luta pela terra, pela vida e pelo ecossistema” (Camurça, 2022, p. 226).

## Conclusão

Este texto possui um caráter de reflexão *in progress*. Ele se constitui num experimento preliminar desta proposição que faço para o tratamento do catolicismo no Brasil atual (e também das outras religiões em geral). Os exemplos aqui apresentados visam testar a aplicação desta proposta de articulação dos enfoques de cosmologia e política. No entanto, creio que a argumentação ficou suficientemente clara para ser debatida dentro do campo acadêmico dos estudos do catolicismo no Brasil.

Prosseguindo nessa direção, procuro agora aprofundar ainda um pouco mais a relação entre meu enfoque da cosmopolítica com o estilo da igreja católica de incorporar e acomodar diferentes formas de existência em seu interior através de seu poder inclusivo de *circumdata varietate* (De Lubac, 1986). Segundo Pierre Sanchis, o êxito dessa incorporação do entorno se deve à sua capacidade em produzir uma “identidade católica” comum a todas essas formas incorporadas (1986). E essa identidade estaria calcada na centralidade do “Sacramento” tomado na sua visibilidade e materialidade (a Eucaristia, os dogmas da Virgem Maria, da infalibilidade do papa etc.). Para Sanchis, o “sacramento” é o “núcleo duro” da identidade católica, no nível dogmático (continuidade), teológico (interpretativo) e da experiência (místico) (1986, p. 06). Entretanto, para o autor, a apropriação desse “núcleo duro” sacramental não é monolítica dentro da igreja, mas se distribui por “um campo tendenciosamente polarizado, articulando diferenças” numa “articulação tensional” (1986, p. 06-07), e ela obedece a “modalidades, pesos diferentes atribuídos a um ou outro dos [sacramentos] fundamentais” (1986, p. 06).

Então, no meu entendimento desse postulado de Sanchis, o funcionamento da igreja dentro de sua identidade centralizada no(s) sacramento(s), se explicaria pela aceitação comum deste mesmo significante exterior e material (seja o rito eucarístico da comunhão, o culto da Virgem, dos santos, a obediência ao papa) se lhe apondo, contudo, significados diferentes e muitas vezes antagônicos, mas que, por fim, se acomodam dentro da mesma instituição.

Mas, o que faria com que, em meio a essa diversidade de significados em convivência dentro dessa instituição totalizante, uns hegemonizassem o imaginário católico representando o conjunto da igreja em determinadas conjunturas e fossem reconhecidos enquanto tais e outros alcançassem apenas uma posição subalterna, que lhes permite sobreviver dentro dela?

Minha intuição, a partir de um investimento de alguns anos de pesquisas no tema do catolicismo, me leva a considerar que, para a igreja católica, as imagens e ideias que conseguem aglutinar em torno de si o peso institucional – no caso do Brasil, a colegialidade dos bispos na CNBB e o sistema da imensa rede paroquial – logram se impor como as que representam o conjunto da igreja. Em temas como o do aborto, o católico médio paroquiano referendado pela hierarquia da igreja se alinha com os grupos mais conservadores da direita católica para a condenação desta prática. Em pesquisa Datafolha de março de 2023, 56% dos católicos condenavam o aborto e consideravam que a mulher que cometesse esse procedimento deveria ir para a cadeia, cifra superior até aos conservadores evangélicos, que tinham o percentual de 55% (Blum, 2023).

Contudo, nos casos de solidariedade aos pobres da periferia, as comunidades indígenas e quilombolas, a CNBB, com seu poder de capilaridade nas paróquias de todo o país, se une às pastorais e núcleos como a CPT, o CIMI e as Comissões de Justiça e Paz da chamada parte “progressista” da igreja. Segundo o teólogo Faustino Teixeira, arguto analista da conjuntura católica no Brasil: “o bloco mais amplo do catolicismo oficial” incentiva “projetos pastorais mais voltados para o social, como o Grito dos Excluídos, o Mutirão Nacional contra a Fome [...] e demais iniciativas da Campanha da Fraternidade” (grifo meu, Teixeira, 2009, p. 23).

Considero, portanto, que a tendência da igreja é moderadamente conservadora nas questões morais (embora neste último pontificado de Francisco tenham sido expressas, ainda que com um custo de desaprovação dos setores ultraconservadores, manifestações explícitas de apoio à questão feminista e de solidariedade com os gays), mas que, nas questões sociais, ela vem se somar aos movimentos sindicais, associativos e políticos mais avançados da sociedade.

Então, para concluir, retomando minha noção de cosmopolítica, proponho que se encontra na dimensão da *Caridade: charitas, ágape*, a síntese entre cosmologia e política que possibilita a aliança entre a CNBB e as pastorais sociais na igreja no Brasil. Embora Caridade não seja um sacramento, ela é um valor, está presente no imaginário católico associado à missão de Cristo e, conseqüentemente, à missão da igreja. Para mim, encontra-se na conjunção deste símbolo central (o “amor ao próximo”) com a ação sociopolítica que deriva dele a expressão mais significativa da cosmopolítica no catolicismo no país.

E foi a vivência da cosmopolítica da Caridade entre os católicos brasileiros que indicou, nos índices dos institutos de pesquisa, a preferência eleitoral destes à candidatura Lula em detrimento daquela de extrema-direita de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022. Isso está registrado no agregador das pesquisas eleitorais por religião elaborado pelos pesquisadores do CEBRAP Ronaldo Almeida e André Dirceu Gerardi, coletando os dados dos principais institutos de pesquisa brasileiros: IPEC, Datafolha, Folha de São Paulo, Vox Populi, Futura, MDA, Quest, Idea Big Data, IDESPE, Poder Data. Essa média de todas as pesquisas detectou dentro do segmento religioso da população, uma vitória para Lula 47,9% e Bolsonaro 44,2% no total, distribuídos, entre católicos, 54,9% para Lula e 38,1% para Bolsonaro e entre evangélicos, 61,19% para Bolsonaro e 30,3% para Lula (Almeida, Gerardi, 2022).

Para além de indicadores eleitorais, considero que a influência da caridade e da compaixão presidiu a posição majoritária e representativa da igreja por meio da CNBB, pastorais e paróquias, na sua atuação em defesa da vida (a favor do isolamento social e da vacina) no período da pandemia do Covid-19, também ao lado dos indígenas e ribeirinhos da região amazônica no “Sínodo da Amazônia” convocado pelo Papa Francisco. E, por fim, mais recentemente se manifestou no apoio que a arquidiocese de São Paulo deu ao padre Júlio Lancellotti, no seu trabalho pastoral com a “população em situação de rua” contra os ataques de parlamentares de extrema direita na Câmara de Vereadores de São Paulo.

## Referências

ALMEIDA, Ronaldo, GERARDI, André Dirceu. Agregador de pesquisas eleitorais por religião: consolidação de dados de pesquisas eleitorais com recorte religioso às eleições presidenciais de 2022. APP versão 1.0. São Paulo, Recuperado de <https://cebrap.org.br/projetos/>, 2022.

AMARAL, Roniere Ribeiro. Milagre Político: catolicismo da libertação. São Paulo: Annablume, 2010.

BARROS, Wellington da Silva. Fora da Igreja não há salvação: ambientes católicos virtuais e o fortalecimento da perspectiva exclusivista. *Revista Último Andar*, São Paulo, nº 29, 2016, p. 32-48.

BERGERON, Richard; BOUCHARD, Alain; Pelletier, Pierre. *A Nova Era em questão*. São Paulo: Paulus, 1994.

BLUM, Bárbara. Para 52% dos brasileiros mulher que aborta deve ser presa, diz Folha de São Paulo. *Folha de São Paulo*, 29/03/2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2024/03/para-52-dos-brasileiros-mulher-que-aborta-deve-ser-presa-diz-datafolha.shtml>. Acesso em 29/10/2023.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

BRUM, Asher Grochowalski. O sofrimento ritual no Opus Dei: Práticas sociais, reflexividade e disputa no campo católico brasileiro. In: CORRÊA, Diogo Silva; CHARTAIN, Laura; CANTU, Rodrigo; LEAL, Sayonara (Orgs.) *Crítica e pragmatismo na sociologia: Diálogos entre Brasil e França*. São Paulo: Annablume, 2018, p. 259-289.

BRUM, Asher Grochowalski. *Templários da Avenida Paulista: a formação do self secular no Opus Dei*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Unicamp, Campinas, 2017.

BRUM, Asher Grochowalski. O Opus Dei na Jornada Mundial da Juventude: disputas acerca do que é ser católico. In: ARAÚJO, Melvina; CUNHA, Christina Vital (Orgs.) *Religião e Conflito*. Curitiba: Prismas, 2016, p. 217-234.

BRUM, Asher Grochowalski. A denúncia de Brolezzi: abusos e injustiças sofridos no Opus Dei. In: MONTERO, Paula (Org.) *Religiões e controvérsias públicas – experiências, práticas sociais e discursos*. São Paulo / Campinas: Terceiro Nome / Editora Unicamp, 2015, p. 275-301.

CABRAL, Newton Darwin Andrade; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Transversalidades entre conservadorismo e progressismo católicos: Geraldo de Proença Sigaud, Helder Pessoa Câmara e o Concílio Vaticano II. *Horizonte: revista de estudos de teologia e ciências da religião*, v. 18, p. 648-674, 2020.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe; SILVEIRA, Emerson José Sena. Catholic Church and conservative-traditionalist groups: the struggle for the monopoly of Brazilian catholicism in contemporary times. *International Journal of Latin American Religions*, v. 6, p. 01-27, 2021.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. O catolicismo militante em Minas Gerais: aspectos do pensamento histórico-teológico de João Camillo de Oliveira Torres. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 10, p. 233-278, 2011.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Uma questão de conceito: o mundo católico e o tradicionalismo no século XIX. In: PEIXOTO, Renato A., ZANOTTO, Gizele (Orgs.). *Direitas e Religião no Brasil (1920-1940)*. Passo Fundo: Acervus, 2023, p.

15-40.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Sombras na Catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o Holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto. *Numen: revista de estudo e pesquisa da religião*, v. 1, n. 1, p. 85-125, 1998.

CAMURÇA, Marcelo. A relação do catolicismo com o governo Bolsonaro: entre o apoio dos setores conservadores e a crítica das instâncias institucionais e dos movimentos progressistas. *Debates do NER*, n. 42, p. 207-234, 2022.

CAMURÇA, Marcelo; ZAQUIEU-HIGINO, Paulo Victor. Entre a articulação e a desproporcionalidade: relações do governo Bolsonaro com as forças conservadoras católicas e evangélicas. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 13, n. 39, p. 207-232, 2021.

CAMURÇA, Marcelo Ayres; PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto ; GERARDI, Dirceu André. From Mysticism to Politics: Protagonism of Conservative Charismatic Catholic Parliamentarians in the Brazilian National Congress (2015-2018; 2019). *International Journal of Latin American Religions*. v. 6, n. 2, p. 281-298, 2022.

CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo; MARIZ, Cecília. *Novas Comunidades Católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Editora Santuário, 2009.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.

CARRANZA, Brenda. *Movimentos do Catolicismo Brasileiro: cultura, mídia e instituição*. Tese Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CARRANZA, Brenda. *Catolicismo Midiático*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

DE LUBAC, Henri. *Circumdata varietate*. *Comunicações do ISER*, n. 22, p. 28-31, 1986.

DOSSIÊ. Igreja Católica e Modernidade Contemporânea. *Estudos de Religião*, vol.7, n. 2, p. 117-303, 2013.

ESQUIVEL, Juan Cruz. *Igreja, Estado e Política: estudo comparado no Brasil e na Argentina*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.

FERNANDES, Rubem César. Aparecida: nossa rainha, senhora e mãe, saravá!. In: *Brasil & EUA, Religião e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 84-111.

FERREIRA, Silvana Maria. *Agricultura familiar na Comissão Pastoral da Terra. Do sonho socialista ao paraíso ecológico*. Juiz de Fora: Livraria Editora Notas e Letras, 2004.

LESBAUPIN, Ivo. *Comunidades de Base no Brasil de hoje*. In: TEIXEIRA,

- Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.) *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 57-74.
- LIRA, Ronald Apolinario. *Catolicismo e Política: Pastoral da Juventude e formação partidária no PT*. Curitiba: Appris, 2019.
- MACHADO, Maria das Dores Campos; MARIZ, Cecília Loreto. Sincretismo e Trânsito religioso: comparando carismáticos e pentecostais. *Comunicações do ISER*, v. 45, n.13, p. 24-34, 1994.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MANNHEIM, Karl. O significado do conservantismo. In: FORACCHI, Maria Alice (org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.
- MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v.17, n. 2, p. 253-273, 2005.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Algumas técnicas corporais na Renovação Carismática Católica. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, v. 2, n. 2, p. 119-151, 2000.
- MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- MONTERO, Paula. Religiões e dilema da Sociedade brasileira. In: MICELI, Sérgio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. v. 1 (Antropologia). Brasília: Ed. Sumaré, 1999, p. 327-367.
- MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.
- NAPOLITANO, Valentina, NORGET, Kristin, MAYBLING, Maya. *The Anthropology of Catholicism*. Oakland, California: University of California Press, 2017, p. 01-29.
- NOVAES, Regina. *De Corpo e Alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Estruturas da Igreja e Conflitos Religiosos. In: SANCHIS, Pierre (Org.) *Catolicismo: Modernidade e Tradição*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 41-66.
- OLIVEIRA, Eliane Martins. A 'vida no Espírito' e o dom de ser 'Canção Nova'. In: CARRANZA, Brenda; CAMURÇA, Marcelo; MARIZ, Cecília. *Novas Comunidades Católicas: busca de espaços na pós-modernidade*. São Paulo: Editora

Santuário, p. 195-221, 2008.

ORO, Ari Pedro. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAGANELLI, Pía. *P(r)of(e)tas del Reino: literatura y teología de la liberación en Brasil*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2015.

PASSOS, João Décio, SOARES, Afonso Ligório (Orgs.) *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PY, Fabio. *The Current Political Path of an Ultra-Catholic Agent of Brazilian Christofacism Father Paulo Ricardo*. *International Journal of Latin American Religions*, v. 5, p. 332-345, 2021a.

PY, Fabio. *Padre Paulo Ricardo: intelectuale ultracattolico del bolsonarismo*. *Missione Oggi*, v. 5, p. 34-38, 2021b.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito: a renovação conservadora do catolicismo*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. *Perto da Religião, perto da política – a participação do catolicismo carismático através da instituição de candidaturas e mídia nas eleições de 2010*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UFJF, Juiz de Fora, 2014.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. *Catequistas, artistas ou socialmente engajados: as formas de inserção política do catolicismo carismático*. *Revista Caminhos: revista de Ciências da Religião*, v. 16, n. 1, p. 113- 126, 2018.

REIS, Marcos Vinicius de Freitas; MANDUCA, Vinicius SILVEIRA, Emerson José Sena. *Carismáticos, Política e Conservadorismo Social*. *Religare: revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, v. 16, p. 170-206, 2019.

RUFINO, Marcos Pereira. *O código da cultura: o Cimi no debate da inculturação*. In: MONTERO, Paula (Org.) *Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006, p. 235-275.

SANCHIS, Pierre. *Uma ‘identidade católica’?* *Comunicações do ISER*, n. 22, p. 05-1, 1986.

SANCHIS, Pierre. *Introdução*. In: SANCHIS, Pierre (Org.) *Catolicismo: modernidade e tradição*. São Paulo: Loyola, 1992.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da Silva. *O tempo das utopias: religião e romantismos revolucionários na Teologia da Libertação dos anos 1960 aos 1990*. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SILVEIRA, Emerson José Sena. *A ‘posse do Espírito’: Cuidado de si e salvação. Uma análise do imaginário da Renovação Carismática Católica*. *Rhema*, v. 6, n. 23, p. 143-169, 2000.

SILVEIRA, Emerson José Sena. *Corpo, emoção e rito: antropologia dos carismáticos católicos*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008a.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Terços, 'Santinhos' e Versículos: a relação entre católicos carismáticos e a política. *REVER: revista de estudos da religião*, v. 8, p. 54-74, 2008b.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Festa Católico-Carismática e Pentecostal: consumo e estética na religiosidade contemporânea. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v.09, p. 269-288, 2011.

SILVEIRA, Emerson Sena. Padres conservadores em armas: o discurso público da guerra cultural entre católicos. *Reflexão*, 43(2), p. 289-309, 2018.

SILVEIRA, Emerson Sena. Reacionarismo católico ontem, hoje e sempre... Os 'vencidos' do catolicismo na modernidade. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 79, p. 541-570, 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e Juventude: os novos carismáticos*. Aparecida: Ideias & Letras, São Paulo: Fapesp, 2011.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos: EdUFSCAR, 2012.

SOUZA, André Ricardo. *Igreja in Concert. Padres cantores, Mídia e Marketing*. São Paulo: Annablume, 2005.

STEIL, Carlos Alberto; MARIZ, Cecília; REESINK, Mísia Lins (Orgs.). *Maria entre os vivos. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003. p.19-36.

STEIL, Carlos Alberto. A Igreja dos Pobres. Da Secularização à Mística. *Religião e Sociedade*, v. 19, n. 2, p. 61-76, 1999.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo Religioso. Ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 29-51.

STEIL, Carlos Alberto. Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do catolicismo? Uma etnografia do Grupo São José em Porto Alegre. *Religião e Sociedade*, v. 24, n. 1, p. 11-36, 2004.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista IEB*. p. 442-464, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin. *Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, Faustino. *Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 17-30.

TEIXEIRA, Faustino. A teia colaborativa do mundo invisível. *Perspectiva Teológica*, v. 55, p. 405-426, 2023.

ZANOTTO, Gisele; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Facetas do tradicionalismo católico. *Revista Brasileira de História das Religiões*, n.16, p. 03-06, 2013.

ZANOTTO, Gisele. TFP – Tradição, Família e Propriedade: as idiosincrasias de um movimento católico no Brasil (1960-1995). Passo Fundo: Méritos, 2012.

ZANOTTO, Gisele Paz de Cristo, no reino de Cristo? Ideal teológico-político da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 16, p. 113-125, 2013.

ZANOTTO, Gisele. Reforma agrária em foco: o discurso de Plínio Corrêa de Oliveira (1960-1995). Passo Fundo/RS: Acervus, 2020.

Submetido em: 17/01/2024

Aprovado em: 04/06/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.